

LOBO, Francisco Rodrigues (2004), *O Pastor Peregrino*, edição de Maria Lucília Gonçalves Pires, Lisboa: Vega, 308 pp.

A prosa narrativa de ficção de autores portugueses anteriores ao Romantismo tem sido, por via de regra, votada a um flagrante menosprezo por meio do qual obras importantes da nossa literatura são deixadas ao descaso, não logrando despertar o interesse de muitos investigadores que sobre elas façam incidir os seus estudos.

De uma forma genérica, o acervo da prosa ficcional produzida entre os séculos XVI e XVIII é considerado relativamente pobre e os textos então publicados são acusados de patentear uma índole marcadamente arcaizante. A extensão por vezes desmesurada que muitos desses textos apresentam, aliada a uma tendência para a vaguidade que se traduz numa propensão para o afastamento da realidade, sem qualquer sujeição a circunstanciamentos geográficos, temporais, históricos ou outros, são factores frequentemente invocados para justificar o desfasamento da literatura portuguesa daquilo que Palma-Ferreira, no seu livro *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII*, considera ser «a marcha ascensional do espírito europeu».

Todavia, no período em causa, o panorama da novelística portuguesa apresenta-se polifacetado e variado, ainda que a sua genealogia não seja fácil de estabelecer. Apesar disso, a crítica contemporânea é mais ou menos consensual ao referir as novelas de cavalaria, as pastoris e as sentimentais como as primeiras manifestações de textos de carácter novelesco, às quais se viriam posteriormente juntar outros subgéneros como as novelas alegóricas, as exemplares e as filosóficas.

No caso específico da novela pastoril, para além do texto fundacional de Jorge de Montemor - *La Diana* (1559) - que viria a servir de modelo a todos os outros posteriormente escritos, ganha particular importância a trilogia de Francisco Rodrigues Lobo constituída por *Primavera* (1601), *Pastor Peregrino* (1608) e *Desenganado* (1614), obras nas quais o autor usa apenas a língua portuguesa, podendo dessa forma ser considerado o pioneiro do género em Portugal.

Esta trilogia pastoril de Rodrigues Lobo ocupa um lugar de relevo no conjunto da sua obra literária não só porque constitui um importante repositório dos códigos do género, mas também porque nela se encontra patente uma parte significativa da produção poética do autor. Não obstante o valor intrínseco de que se reveste e o seu interesse para um cabal conhecimento tanto do autor, em

particular, como do contexto epocal em que viveu e escreveu, a trilogia, que teve a sua última publicação integral no primeiro quartel do século XVIII, tem-se visto preterida face a uma outra obra de Rodrigues Lobo – *Corte na Aldeia* (1619) – a qual é geralmente considerada mais decisiva para a evolução da prosa narrativa de ficção em Portugal, até pela reflexão que nela se opera sobre questões de natureza literária. Assim se explica que *Corte na Aldeia* tenha sido objecto de edições modernas, a última das quais, trazida a público em 1991 pela Editorial Presença, da autoria de José Adriano de Carvalho que a enriquece com um importante estudo introdutório e abundantes notas de rodapé.

Inserido no projecto de divulgação das «Obras Clássicas da Literatura Portuguesa», patrocinado pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, foi recentemente publicado, pela editora Vega, o segundo volume da trilogia de Rodrigues Lobo – *O Pastor Peregrino* –. A edição é da responsabilidade de Maria Lucília Gonçalves Pires, a quem se deve igualmente a edição de *A Primavera*, publicada pela mesma editora em 2003.

*O Pastor Peregrino* é uma obra dividida em duas partes, cada uma das quais constituída por doze «jornadas», que, ao contrário do que ocorre na *Primavera*, não têm títulos. Ao longo das diversas «jornadas», os trechos em prosa alternam com composições poéticas compostas nas mais diversas formas métricas. Nesta edição, Lucília Gonçalves Pires faz um inventário de todas estas composições, agrupando-as de acordo com o subgénero lírico em que se enquadram e indicando os seus *incipit* e a respectiva localização na obra.

Não se tratando de uma edição crítica, a autora procurou sobretudo torná-la «acessível ao leitor moderno», sem abdicar, no entanto, de ser «escrupulosamente fiel ao legado textual do autor e ao estádio evolutivo da língua que a obra documenta». Deste modo, o texto foi objecto de uma modernização da apresentação gráfica no sentido de o aproximar das convenções actualmente em vigor, tanto no domínio ortográfico, como no sistema de pontuação. Tais modernizações, contudo, não deixam de respeitar as características que documentam traços peculiares do Português do século XVII.

Cumulativamente, a autora faz acompanhar o texto de Rodrigues Lobo de um estudo introdutório no qual situa *O Pastor Peregrino* relativamente à narrativa que o antecede. A novela faz parte integrante de uma série romanesca cuja unidade interna é assegurada pelo desenrolar do fio narrativo centrado no pastor Lerenio e nos seus amores e deambulações. Por isso, o estudo de Lucília Gonçalves Pires detém-se em dois aspectos fundamentais: por um lado, aborda os pontos de continuidade e descontinuidade desta novela em relação à *Primavera*; por outro, analisa a fórmula encontrada pelo autor para o seu desfecho.

O leitor é assim advertido de que as linhas temáticas que percorrem o texto da *Primavera*, isto é, «o amor, factor determinante do desenrolar da acção, e a deambulação como purgação e busca» (p. 10), se mantêm no *Pastor Peregrino*. Porém, Lerenio abandona a vida pastoril, que fora retratada na primeira novela, e inicia um novo percurso na condição de peregrino. Em consonância com esta alteração, verifica-se também uma mudança de cenário: os espaços primaveris, representados de acordo com os tópicos do *locus amoenus*, são substituídos por cenários soturnos onde a presença da noite e do Inverno surge como algo de inusitado relativamente aos códigos do género, ainda que perfeitamente justificado pela nova condição do protagonista, associada às ideias de sacrifício e penitência, únicas vias para obter a salvação figurada na união com a amada.

As discontinuidades entre as duas novelas manifestam-se também a nível discursivo. No *Pastor Peregrino*, «a voz do narrador irrompe com frequência no discurso narrativo, interpelando os destinatários e caracterizando-os como ouvintes» (p. 12). Este processo permite ao narrador conduzir o leitor, ajudando-o a estabelecer relações entre os episódios narrados e tornando compreensíveis os processos organizadores da história.

Em relação à fórmula encontrada para o desfecho da novela, ela também difere substancialmente da da novela anterior. Se *A Primavera* termina com uma nota de incerteza relativamente ao futuro de Lereno, *O Pastor Peregrino* «termina de forma triunfal» (p. 13): Lereno não só é reconhecido enquanto amante pela sua pastora («Já agora, meu pastor (...), não tem lugar a tua desconfiança nem a minha crueldade, pois eram vãs as culpas que desacreditavam a tua firmeza. Com ela venceste a todos os merecimentos alheios e asseguraste a minha afeição, a qual livre de mudanças te prometo, conhecendo-me por obrigada e confessando que te amo com tão grande extremo que ficam menores os que por mim fizeste», pp. 297-98), como é igualmente coroado como pastor bucólico.

Uma análise da estratégia compositiva destes dois volumes da trilogia pastoril de Rodrigues Lobo deixa perceber que a mesma manifesta a presença de um princípio estruturador que liga as novelas entre si, mediante o estabelecimento de correlações de sentido entre ambas. Para que se complete a série, e o conjunto macrotextual assuma plena relevância, resta aguardar pela publicação de *O Desenganado*, novela que fecha este ciclo narrativo.

MICAELA RAMON

«*Toto notus in orbe Martialis*». *Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte*. Coordenação de Cristina de Sousa Pimentel, Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão. Coimbra – Lisboa, Universidade Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Universidade de Lisboa, Departamento de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos, 2004. 327 pp.

O título do volume em referência é já de si elucidativo. Uma professora da Universidade de Lisboa e dois professores da Academia de Coimbra coordena(ra)m este volume das Actas de um Colóquio de dois dias (1-2 de Março de 2004), divididos por Coimbra e Lisboa, destinado a celebrar Marcial, um poeta romano natural de Bilibis, na Hispânia Tarraconense.

Estas Actas têm o mérito de reunirem as conferências de conceituados professores e investigadores, nacionais e estrangeiros, que se têm dedicado ao estudo da obra do poeta bilbitano. Na verdade, a qualidade dos autores e a variedade temática dos contributos são garante do valor e interesse da obra em apreço. São eles: Walter de Medeiros, «A cinza falante do poeta. Na celebração dos 1900 anos da morte de Marcial»; Cristina de Sousa Pimentel, «Política e história nos *Epigramas* de Marcial»; José Luís Brandão, «Amor e morte em Marcial»; Leon Nél D...»